

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ - CEST  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

Thamiza Giselle Rodrigues Ferreira

**AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO CONTO “O MENINO QUE  
ESCREVIA VERSOS”, DE MIA COUTO**

TEFÉ – AM

2023

THAMIZA GISELLE RODRIGUES FERREIRA

**AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO CONTO “O MENINO QUE  
ESCREVA VERSOS”, DE MIA COUTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para  
obtenção de grau em Licenciatura em Letras Língua  
Portuguesa pela Universidade do Estado do  
Amazonas (UEA).

Orientadora: Profa. Me. Roseanny Melo de Brito.

TEFÉ – AM

2023

# **BANCA AVALIADORA**

---

Orientadora

---

Avaliadora

---

Avaliadora

## AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO CONTO “O MENINO QUE ESCREVIA VERSOS”, DE MIA COUTO

Thamiza Giselle Rodrigues Ferreira<sup>1</sup>  
Roseanny Melo de Brito<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo pretende analisar as representações sociais de gênero no conto “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto. Pretende-se, ainda, na presente pesquisa, refletir sobre a representação de gênero como uma construção social, discutir sobre o papel do patriarcalismo na distinção de comportamento de meninos e meninas, além de relacionar a temática do conto com a realidade contemporânea. Embora seja um conto relativamente curto e referente ao contexto de Moçambique no período pós-independência, sua temática se aplica a muitas sociedades americanas, inclusive a brasileira. A diferença de gênero é analisada no conto sob a ótica do pensamento feminista, buscando revelar que os comportamentos de homens e mulheres não são naturais, mas construídos socialmente, ou seja, cada sociedade estabelece o que são “coisas de menino” e o que são “coisas de menina”. Para a concretização da análise, na primeira etapa, foi realizada a pesquisa bibliográfica, tendo como finalidade aprofundar o conhecimento teórico necessário. Na segunda etapa da pesquisa, o estudo deteve-se na análise sobre a representação de gênero presente no conto. Com base na análise do texto, foi possível constatar que, apesar de ser uma obra de ficção, o conto discute algo comum em nossa sociedade, que a construção social a que somos submetidos desde tenra idade. Tal construção é responsável por estabelecer qual o comportamento adequado para meninos e qual o comportamento adequado para meninas. Quem não segue o padrão social estabelecido passa a sofrer sanções sociais de todo tipo, além ser visto como detentor de algum tipo de distúrbio mental.

**Palavras-chave:** Conto. Mia Couto. Pensamento Feminista. Coisas de Menino. Coisas de Menina.

### ABSTRACT

The article intends to analyze the social representations of gender in the short story “O menino que escrevia versos”, by Mia Couto. It is also intended, in this research, to reflect on the representation of gender as a social construction, to discuss the role of patriarchy in

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST/UEA.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST/UEA. Mestre em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas, linha: Linguagem e Comunicação na Amazônia. Especialista em Língua Portuguesa com ênfase em Produção Textual pela Universidade Federal do Amazonas. Licenciatura em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas.

distinguishing the behavior of boys and girls, in addition to relating the theme of the short story to contemporary reality. Although it is a relatively short story and refers to the context of Mozambique in the post-independence period, its theme applies to many American societies, including Brazil. Gender difference is analyzed in the story from the perspective of feminist thought, seeking to reveal that the behavior of men and women is not natural, but socially constructed, that is, each society establishes what are “boy things” and what are “girl stuff”. In order to carry out the analysis, in the first stage, a bibliographical research was carried out, with the purpose of deepening the necessary theoretical knowledge. In the second stage of the research, the study focused on the analysis of the representation of gender present in the short story. Based on the analysis of the text, it was possible to verify that, despite being a work of fiction, the short story discusses something common in our society, which is the social construction to which we are subjected from an early age. Such a construction is responsible for establishing which behavior is appropriate for boys and which behavior is appropriate for girls. Those who do not follow the established social pattern start to suffer social sanctions of all kinds, in addition to being seen as having some kind of mental disorder.

**Keywords:** Tale. Mia Couto. Feminist Thought. Boy Stuff. Girl stuff.

## INTRODUÇÃO

O artigo pretende analisar as representações sociais de gênero no conto “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto. Embora seja um conto relativamente curto e referente ao contexto de Moçambique no período pós-independência, sua temática se aplica a muitas sociedades americanas, inclusive a brasileira. As representações de gênero presentes na obra revelam uma série de críticas sociais relacionadas aos comportamentos tradicionais que se espera de homens e mulheres. A diferença de gênero é analisada no conto sob a ótica do movimento feminista, buscando revelar que os comportamentos de homens e mulheres não são naturais, mas construídos socialmente, ou seja, cada sociedade estabelece o que são “coisas de menino” e o que são “coisas de menina”. Pretende-se, ainda, na presente pesquisa, refletir sobre a representação de gênero como uma construção social, discutir sobre o papel do patriarcalismo na distinção de comportamento de meninos e meninas, além de relacionar a temática do conto com a realidade contemporânea.

Para a concretização da análise, na primeira etapa, foi realizada a pesquisa bibliográfica, tendo como finalidade aprofundar o conhecimento teórico necessário. Para tanto, foram consultados livros, artigos científicos, sites, etc. Na segunda etapa da pesquisa, o estudo deteve-se na análise sobre a representação de gênero presente no conto. Assume-se, nesse momento, uma perspectiva de análise que abrange a concepção de gênero e de patriarcalismo, além de relacionar os dados obtidos com o contexto social contemporâneo.

A presente pesquisa justifica-se por sua implicação no contexto da sociedade moçambicana, como forma de pensar na construção de identidade de gênero, que perpassa todo um processo histórico-cultural, pois, ao analisar o conto “O menino que escrevia versos”, é possível constatar a problematização construída em torno do comportamento de um garoto que foge ao padrão estabelecido socialmente. O menino escrevia versos, mas versos devem ser escritos por meninas. Além disso, este estudo contribui com a literatura crítica em Moçambique ao estabelecer aspectos que permeiam a sociedade no século XXI, podendo gerar discussões sobre a relação entre gênero e os padrões sociais de comportamento.

## 1. O que é o conto

Conto, segundo o Dicionário Online de Português (2023), deriva do termo de origem latina *compūtus*, substantivo masculino que significa “cálculo, conta”. Um dos significados atribuídos a essa palavra e que mais se aproxima do texto analisado na presente pesquisa é “narrativa breve, escrita ou falada, com uma ação e poucos personagens”. De acordo com Soares (2006, p. 54), o conto é uma narrativa que se diferencia do romance e da novela não só por sua extensão mais curta, mas também por sua forma estrutural. Nele não se busca abarcar a totalidade, intenta-se somente contemplar um recorte, “[...] como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literalmente um episódio singular e representativo”. Não se contempla todos os elementos da narrativa, detém-se apenas no que é essencial, “[...] o conto elimina as análises minuciosas, complicações no enredo e delimita fortemente o tempo e o espaço”.

Gotlib (2006), no que se refere aos aspectos literários do conto, afirma que:

O segredo do conto é promover o sequestro do leitor, prendendo-o num efeito que lhe permite a visão em conjunto da obra, desde que todos os elementos do conto são incorporados tendo em vista a construção deste efeito. Neste sequestro temporário existe uma força de tensão num sistema de relações entre elementos do conto, em que cada detalhe é significativo. O conto centra-se num conflito dramático em cada gesto, cada olhar são até mesmo teatralmente utilizados pelo narrador (GOTLIB, 2006, p, 33).

Infere-se, assim, que o significado atribuído ao conto depende do envolvimento do leitor, o que é possível quando o conto se estrutura de modo a possibilitar que se tenha uma visão em conjunto da narrativa. Percebe-se essa visão de conjunto no conto “O menino que escrevia versos”, pois, apesar da sua pequena extensão, apresenta todos os elementos da

narrativa e trata de um tema que, de relance, parece banal, mas, na verdade, compreende toda uma complexidade social.

Embora, no conto, a proposta seja narrar os acontecimentos ficcionais, pode-se relacionar os fatos narrados à realidade circundante. Isso demonstra que o conto tem o poder de derrubar barreiras entre a realidade e a ficção, mesmo que apresente uma narrativa curta com um único conflito e poucos personagens em seu tempo e espaço.

## 2. O conto “O menino que escrevia versos”

Segundo Lima (2021), o conto “O menino que escrevia versos” relata a história de um garoto que era considerado problemático, pelo simples fato de expressar seus sentimentos escrevendo versos. O conto encontra-se no livro *O fio das missangas*, publicado em 2003, por Mia Couto. O conto ocupa as páginas 131 e 132 do livro. O livro, que faz parte da literatura moçambicana, foi escrito no período pós-independência de Moçambique. No livro, há vinte e nove contos com enredos independentes, mantendo cada um deles uma proposta diferente e retratando casos impactantes, como violência, morte e culpa, buscando destacar a maioria das dores humanas. Mia Couto procura, nesses contos, resgatar suas tradições e culturas moçambicanas.

A sua forma de linguagem é marcada por neologismos, valorizando, assim, o emprego de palavras novas. Nos contos, percebe-se um caráter político, uma linguagem coloquial relevante, além do realismo mágico. No início da narrativa, já temos o momento crucial da história, a mãe leva o filho ao médico, visto que ela e o marido consideram que ele está doente, pois anda escrevendo versos. No decorrer da narrativa, são apresentados os personagens: o menino, a Dona Serafina (a mãe), o médico e o pai (que é um mecânico). A complicação se dá por conta da atitude do menino em fazer versos, visto que isso não é coisa de menino. Ao final, o menino é internado na clínica. Mas não porque ele tenha uma doença mental, e sim porque o médico ficou encantado com seus versos e o internou como uma maneira de poder ouvir o menino recitar “o seu coração na forma de versos”.

O conto é apresentado a seguir:

### O menino que escrevia versos (Mia Couto)

— Ele escreve versos!

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

— Há antecedentes na família?

— Desculpe doutor?

O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

— Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

Ela hoje até se comove com a comparação: perfume de igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar? Pobres que fossem esses dias, para ela, tinham sido lua-de-mel. Para ele, não fora senão período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor.

Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

— São meus versos, sim.

O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?

Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

— O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte eléctrica.

Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O que urgia era pôr cobro àquela vergonha familiar.

Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

— Dói-te alguma coisa?

—Dói-me a vida, doutor.

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: Está a ver, doutor? Está ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

— E o que fazes quando te assaltam essas dores?

— O que melhor sei fazer, excelência.

— E o que é?

— É sonhar.

Serafina voltou à carga e desferiu uma chapada na nuca do filho. Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, porquê? Perto, o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu-se, acarinhando o braço da mãe.

O médico estranhou o miúdo. Custava a crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. Que ele, modéstia apartada, inventara sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

— Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.

A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendidos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

— Não continuas a escrever?

— Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.

O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

— Não temos dinheiro — fungou a mãe entre soluços.

— Não importa — respondeu o doutor.

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

— Não pare, meu filho. Continue lendo...

### 3. Mia couto

Mia Couto (Antônio Emílio Leite Couto) nasceu na cidade de Beira em Moçambique, no dia 5 de julho de 1955. Em 1972, mudou-se para a atual Maputo, capital de Moçambique. Na adolescência, cursou a faculdade de medicina, que abandonou dois anos depois para exercer a profissão de jornalista. Trabalhou na Agência de Informação de Moçambique, na revista Tempo e no jornal Notícias, até deixar o jornalismo em 1985. Fez faculdade de Biologia e, depois, se tornou professor universitário e, então, chegou à sua carreira de escritor que, finalmente, teve início em 1983, quando seu primeiro livro de poesia foi publicado com o nome “Raiz de orvalho”. Com a publicação, em 1992, do romance “Terra sonâmbula”, o romancista começou a experimentar o sucesso como escritor. Por essa obra, recebeu o Prêmio Nacional de Ficção da Associação de Escritores Moçambicanos, em 1995. Atualmente, Mia Couto é um dos autores africanos mais conhecido no mundo inteiro (LIMA, 2021).

É muito presente em suas obras, segundo Lima (2021), o cotidiano de Moçambique, discussões referentes à identidade africana, às diferenças culturais em decorrência do contato do povo moçambicano com o colonizador português, das críticas sociais, além dos caminhos que levaram à guerra de independência. Suas obras são ainda marcadas por uma escrita que busca representar a linguagem oral, pelo uso do realismo mágico e fantástico, pelo uso de alegorias, dentre outros aspectos. Além do prêmio recebido por *Terra Sonâmbula*, ele recebeu ainda os seguintes prêmios: Prêmio Anual de Jornalismo Areosa Pena (1989), Vergílio Ferreira (1990), Mário António (2001) União Latina de Literaturas Românicas (2007), Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura (2007) Eduardo Lourenço (2011), Camões (2013) e Prêmio Internacional de Literatura Neustadt (2014).

#### 4. Menino e menina: uma representação social

O pensamento feminista há muito tem se debruçado em comprovar que o gênero é, de fato, uma construção social. Não é a constituição biológica dos seres humanos que estabelecem que os homens são fortes e guiados pela razão, enquanto as mulheres são fracas e guiadas pela emoção. Na verdade, tempos históricos diversos criaram uma representação sobre os gêneros, estabelecendo assim, que meninos devem ter um comportamento, enquanto as meninas devem ter outro.

Marques afirma (2014, p. 550) que “[...] Se o gênero é construído socialmente, então as normas e expectativas sociais relativas ao gênero não são fixas”. Isso significa que os papéis atribuídos a meninos e meninas, por serem constituídos culturalmente, assumem uma configuração conforme a sociedade a qual pertencem. O papel a ser desempenhado por homens e mulheres começa a ser construído desde que o bebê está na barriga da mãe. Quando a família descobre o sexo da criança, começa a preparar o enxoval, estabelecendo a cor azul para meninos e a cor rosa para menina. Todos somos ensinados pelo pai, mãe, família, escola e sociedade o que menino ou a menina podem ou não fazer e o que devem ou não vestir.

Segundo Follador (2009, p. 4):

A categoria gênero se reporta a uma construção social que delimita os papéis desempenhados por cada um dos sexos na sociedade. Não é algo taxativo, que dependa da questão biológica entre os sexos, porque uma pessoa pode ter determinado sexo e adotar para si o gênero “oposto”.

Confirma-se que, por essas e outras razões, isso não é genética e sim ambiental, a criação da criança faz toda diferença diante da sociedade. No convívio social, aos meninos é permitido fazer várias manobras arriscadas, mas, por outro lado, as meninas não podem fazer coisas agressivas, pois podem se machucar, insinuando, assim, que o gênero feminino é considerado um “sexo frágil”.

Vianna e Finco (2009, p. 2) afirmam que:

Diante de diversos aspectos, os adultos, ao educar as crianças, definem a visão de seus corpos às diferenças entre os papéis sociais. As características do corpo e os comportamentos que são esperados, para as meninas e meninos, são cada vez mais reforçados em sua constituição nas ações do cotidiano das escolas de educação infantil.

Observa-se, assim, que há toda uma ação social disposta a manter uma distinção entre os comportamentos de homens e mulheres, que tem início quando ainda somos bebês e se

mantém por toda vida. A escola assume uma parte significativa dessa responsabilidade em atribuir os papéis a serem desempenhados por meninos e meninas. Os próprios professores, segundo Vianna e Finco (2009), tendem a influenciar, nas brincadeiras, os comportamentos esperados para meninos e meninas. Assim, organizam brincadeiras voltadas para o zelo e o cuidado para meninas, e voltadas para o esporte, a violência e o trabalho para os meninos.

No conto “O menino que escrevia versos”, percebemos o questionamento que se faz ao comportamento do menino, que “escreve sonhos por meio de seus versos”. Ele é criticado principalmente pelo pai, que o proíbe de sonhar e de escrever versos, pois isso não seria coisa apropriada para meninos fazerem. De acordo com Eliot (2013, p. 3): “A masculinidade é um papel que impede a evasão de fronteiras de gênero, o que não se observa tanto com as meninas, que, por mais que seja difícil à família aceitar que gostem de jogar, é de mais fácil sua aceitação que o menino brincar de boneca”.

Cisne (2012, p. 110) argumenta que:

A educação sexista não educa homens e mulheres apenas de forma diferente, mas, também, desigual, levando muitas mulheres a crerem que possuem uma essência que as tornam naturalmente mais aptas para determinados trabalhos. Para isso, inculca valores e qualidades considerados femininos para moldar um modelo de mulher apto a atender aos interesses patriarcal capitalistas.

Como podemos constatar, as imposições sociais são tão intensas que as próprias mulheres acreditam no que dizem sobre elas. Tanto é assim que, em muitas partes do mundo, o cargo de professor é ocupado por uma grande maioria de mulheres, enquanto as áreas de engenharia e tecnologias são mais ocupadas por homens. Como sabemos, os melhores salários estão justamente nas profissões ocupadas por homem. Essa educação sexista tem como grande aliada o patriarcalismo, responsável por disseminar uma visão de mundo que subjuga as mulheres e coloca o homem numa posição de destaque, de superioridade.

Segundo Cunha (2014 *apud* Castro, 2018, p. 3) o sistema patriarcal:

[...] resume-se em um regime de dominação e subordinação em que o homem, geralmente o pai, patriarca, mantenedor e provedor, ocupa a posição de centralidade na família. Ele representa a autoridade máxima, na medida em que todos na casa, inclusive esposas e filhos, devem-lhe obediência plena.

O patriarcalismo se revela também no conto em análise, visto que o pai do menino que escrevia versos é quem dá as ordens na casa. Ainda, de acordo com Cunha (2014 *apud* Castro, 2018, p. 3), as mulheres, no patriarcalismo, são tratadas apenas como objetos de prazer e satisfação sexual, além de terem sua “importância” limitada à geração de herdeiros e ao trabalho

doméstico. Para manter as mulheres nessa posição, dissemina-se um discurso que ela é a “rainha do lar”, entretanto, na maioria das famílias, é o marido quem dá as ordens sobre a vida da esposa e dos filhos.

## 5. Resultado da Pesquisa

No conto “O menino que escrevia versos”, é perceptível que o personagem principal sofre uma pressão social por não agir em conformidade com o que se espera de um menino. Nos dizeres do pai, “[...] o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos” (COUTO, 2009, p.131). Como se pode perceber, há nesse trecho uma representação de gênero que exige um comportamento para meninos e outro para meninas. Um homem não deve escrever versos, pois isso é coisa de menina, cabe ao homem ficar no “esfrega-refrega com as meninas”, ou seja, consumir o ato sexual com a mulher. Aqui se percebe, ainda, um olhar sobre a mulher apenas como objeto, que está a serviço de satisfazer os desejos carnis do homem.

Já no início da narrativa, o menino parece estar sendo acusado de algo terrível, pois, no momento em que a mãe chega com o menino ao consultório do médico e diz “– Ele escreve versos!”, na sequência, tem-se a seguinte narração: “Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra” (COUTO, 2009, p.131). A palavra “crime” presente nesse trecho deixa mais evidente ainda a pressão social sofrida pelo menino. Além dessa palavra, encontramos outras no conto que sugerem ter o menino praticado algo condenável socialmente. A primeira delas é “sentenciara”, presente no trecho: “O pai logo sentenciara: havia de tirar o miúdo da escola” (COUTO, 2009, p.131). A segunda é “clemência”, presente no trecho: “[...] O doutor [...] interrompeu [o menino]: – Não tenho tempo, moço, isto aqui não é uma clínica psiquiátrica. A mãe, em desespero, pediu clemência” (COUTO, 2009, p.132). De acordo como Dicionário Online de Português (2023), SENTENÇA (*s.f.*) significa “a decisão final proferida por um juiz”, e CLEMÊNCIA (*s.f.*) significa “sentimento ou tendência natural para perdoar os erros, as falhas ou diminuir as penas e castigos impostos a outra pessoa: governo pede clemência para o prisioneiro condenado à morte”.

Filho de um mecânico e de uma dona de casa, o menino, ao escrever versos e sonhar, provocou toda uma confusão na vida da família, o pai logo atribuiu esse comportamento ao fato de estar estudando na escola ou ao fato de ter se tornado um “maricas”, conforme se verifica no seguinte trecho: “O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?” (COUTO, 2009, p.131). Nesse

momento, a mãe intercede pelo filho e defende que ele continue seus estudos, o pai, então, exige que o filho seja examinado por um médico, demonstrando com isso que o filho só pode estar doente.

Como se pode observar, segundo o pai, são 3 as possíveis causas de o filho não agir como um homem: 1- O fato de estudar; 2- Tornou-se homossexual; 3- É doente mental. Demonstra-se, assim, que o pai acredita que o modo como meninos e meninas devem se comportar é algo natural, da própria constituição biológica dos seres humanos. As mulheres são sonhadoras, sentimentais, sensíveis, frágeis e escrevem poema. Isso é da natureza delas. Os homens são brutos, suportam os trabalhos braçais, são guiados pela lógica, jamais pelo sentimento e, além do mais, não se interessam em escrever poemas.

Entretanto, como já bastante discutido pelo pensamento feminista, o comportamento atribuído a homens e mulheres é socialmente construído, visto que é a sociedade que dissemina uma representação dos gêneros, que não é real, mas é idealizada. Quando alguém tenta romper com essa idealização, passa a ser jugado socialmente. E a sentença pode ser a mesma atribuída ao menino que escrevia versos: ou é um marica ou é um doente mental, em ambas as situações, precisará ser internado em uma clínica psiquiátrica, a fim de corrigir seu desvio de conduta.

É possível perceber no conto a representação que se faz do homem e da mulher na descrição de 2 personagens: o pai e a mãe do menino que escrevia versos. O pai era mecânico e dono de uma oficina, o pai do menino nunca estudara, talvez, por isso, não via problema em tirar o menino da escola: “O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias” (COUTO, 2009, p.131). A mãe, Dona Serafina, era uma dona de casa. Embora não haja no conto a informação se ela estudou ou não, fazia questão que o filho estudasse. Curiosamente, ela é a única personagem que tem um nome. Percebemos nesses personagens a representação do homem que trabalha e sustenta a família e da mulher relegada ao domínio do lar. Também se percebe uma representação da mulher como uma pessoa romântica, movida pela emoção. Percebe-se isso no momento em que há um *flashback* na narrativa e que se tem um breve vislumbre da lua de mel dos pais do menino:

[O marido] Tratava bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

— Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

Ela hoje até se comove com a comparação: perfume de igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar? Pobres que fossem esses dias, para ela, tinham sido lua-de-mel. Para ele, não fora senão período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor (COUTO, 2009, p.131).

Nesse trecho, tem-se a representação de uma mulher que sonha, que se emociona, que considera que os seus primeiros dias de casada, “pobres que fossem”, eram para ela uma lua-de-mel. Por outro lado, o marido via nesse momento “senão período de rodagem. De acordo com o Dicionarium.com (2023), “Rodagem (mecânica) é o funcionamento controlado de um motor novo, durante o qual as peças friccionantes sofrem levíssimo desgaste, cujo resultado é o ajustamento perfeito entre elas (dá-se popularmente o nome de amaciamento)”. Ou seja, o mecânico tratou os primeiros dias do casamento como o momento para acertarem o relacionamento sexual. Aqui temos uma das características do patriarcado, a mulher vista apenas como objeto sexual. Além disso, Dona Serafina assume na narrativa o papel de geradora de herdeiros e o papel da mulher responsável pelos afazeres domésticos.

O médico parece representar aquelas pessoas que ora se submetem aos padrões sociais, ora os ignora, pois, no início, esse personagem se mostra desinteressado no caso “gravíssimo” contado pela mãe do menino, depois parece agir com sarcasmo quando diz “— Há antecedentes na família?”. Em seguida, mostra-se surpreso com a resposta do menino; “— Dói-te alguma coisa?/— Dói-me a vida, doutor./O doutor suspende a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera” (COUTO, 2009, p.132). Na sequência, há uma passagem que indica que ele atribui ao menino uma doença mental:

[O menino] Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:  
 — Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.  
 A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta.

No trecho acima, é possível verificar que a mãe também considera estar o filho com algum problema psiquiátrico, perceptível quando ela pede ao médico que leia o caderno do menino, com a finalidade de ver “[...] se ali catava o motivo de tão grave distúrbio”. Após esse episódio, houve mais uma mudança no comportamento do médico, ao ler o livro do menino, decide interná-lo. Embora, a princípio, pareça que ele considera o menino um doente mental, percebemos na narrativa que não é isso de fato, pois ele parece ter gostado tanto dos versos do menino, que usa isso como subterfúgio para recomendar sua internação.

Como se percebe isso? Primeiramente, a clínica dele não era psiquiátrica, como ele mesmo disse, depois, quando a mãe diz que não tem dinheiro para custear a internação, ele diz que assumirá todas as despesas, por fim, no desenlace da narrativa, o narrador conta que o

médico quase não é mais visto no consultório, passa manhãs e tardes no quarto do menino ouvindo-o recitar os seus versos: “Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios: — Não pare, meu filho. Continue lendo...” (COUTO, 2009, p.132).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise do conto “O menino que escrevia versos”, pôde-se constatar que, a exemplo no que acontece na vida real, a representação de gêneros é uma construção social, visto que toda sociedade estabelece os comportamentos que devem ser assumidos por meninos e meninas. Ao menino do conto, não é dado o direito de escrever versos, esta é uma atividade atribuída às mulheres, apenas as mulheres são guiadas pela emoção, os homens são seres lógicos e mais habilitados para a prática de esporte ou de luta. A pressão social sobre o personagem menino atinge um alto nível no momento em que o pai determina que a mãe o leve ao médico, a fim de consertá-lo, como se ele estivesse sofrido alguma avaria, a exemplo do que acontece com os carros que o pai do menino costuma consertar.

Podemos constatar que um grande aliado dessa representação social é o patriarcalismo, ainda fortemente presente na atualidade. No conto, a força patriarcal se revela quando não se aceita que o menino escreve versos, quando temos um homem (pai e marido) que determina como deve ser a vida de seu filho e de sua esposa e quando temos alguns dizerem que evidenciam o comportamento que se impões a meninos e meninas. O ponto central da narrativa e revelador do poder de uma sociedade patriarcal sobre o indivíduo é o menino ter sido considerado um doente mental, que precisava de um tratamento psiquiátrico urgente.

Essa situação, infelizmente, não é algo que acontece apenas em obras de ficção, pois, no passado não muito distante, muitas mulheres e homossexuais foram internados e submetidos a choques elétricos e tanto outros tipos de tratamentos invasivos por não agir conforme os padrões sociais. O menino que escrevia versos representa essa pessoa fora do padrão, que “além de realizar uma atividade feminina, era insubordinado às ordens do pai”, que não permitia que ele escrevesse ou mesmo sonhasse. Pessoas assim são duramente reprimidas pela sociedade, por isso restou ao menino ser internado. Felizmente, no conto, o tratamento dado a ele pelo médico não era nada invasivo, pois todos os dias ele escrevia seus versos e, assim, continuava sonhando.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, **Gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho e a força de trabalho feminina na sociabilidade capitalista**: Auditório Central: Campus do Itaperi: 2018
- COUTO, Mia. **O fio das missangas**: Companhia das letras: São Paulo: Companhia da Letras, 2003.
- CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- DICIONARIUM.COM. Disponível em: <<https://dicionarium.com/>>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- ELIOT, Lise. **Cérebro Azul ou Rosa**: O impacto das diferenças de gênero na educação. Porto Alegre: Penso, 2013.
- MARQUES, T. É o Gênero uma Construção Social?. *In*: **A Paixão da Razão**, edited by Mesquita, A. P., Beckert, C. Pérez, J. L., Xavier, M. L. L. O. Lisboa: CFUL, 2014.
- FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato&versões**, n. 2, v.1, p. 3-16, 2009.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006.
- DA COSTA, Adriana Bezerra Lima. **Uma análise comparada de “o menino que escrevia versos”, de mia couto, e as aventuras de ngunga, de pepetela**: caminhos pelas literaturas africanas de língua portuguesa. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras Licenciatura Português da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas.
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 2006.
- VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação infantil. **Cadernos Pagu**, n. 1, v.33, Jul-Dez, 2009.